

Brasília

Os criadores se encontram

FOI roubada a festa dos 89 anos da Academia Brasileira de Letras. Depois dos discursos de praxe, da entrega do prêmio Machado de Assis e de medalhas, o livro *Brasília* foi finalmente erguido pelo presidente da ABL, Austregésilo de Athayde. E na primeira fila do local reservado aos acadêmicos — 17 estavam lá —, sentaram-se os criadores da capital: Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e o paisagista Roberto Burle Marx. Na mesa, uma presença provocou aplausos: a ex-primeira-dama, D Sara Kubitscheck.

Mas o governador da cidade homenageada — José Aparecido de Oliveira — era o centro das atenções. Lá foram cumprimentá-lo os artistas, políticos, mineiros amigos. A atriz Tônia Carrero foi levar seu beijo antes do ensaio de Quartett, Maria Lúcia Godoy também foi, assim como Grande Otelo, Darcy

Ribeiro, Sobral Pinto, Augusto Rodrigues, Luiz Carlos Barreto, Raul Riff, o ministro do Supremo, Oscar Dias Correa, e muitos outros. E entre os artistas que embelezaram Brasília, só faltou um: Bruno Giorgi, o escultor. Athos Bulcão, Alfredo Ceschiatti e Marianne Peretti marcaram sua presença. Além dos autores do livro, entre eles Ferreira Gullar.

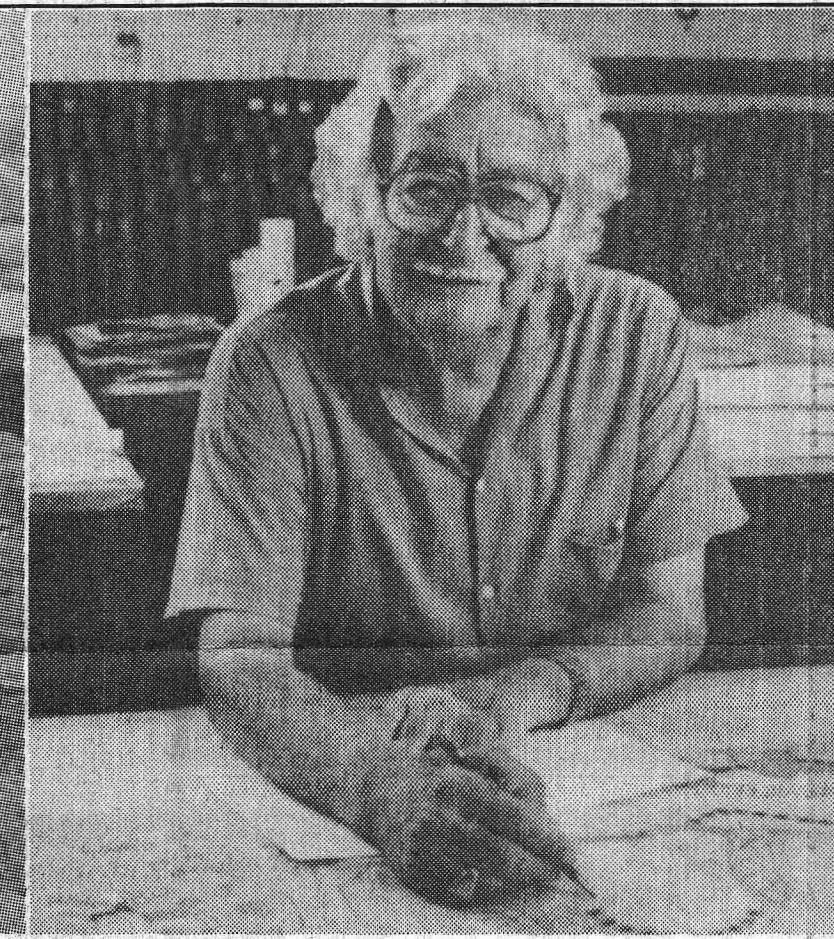
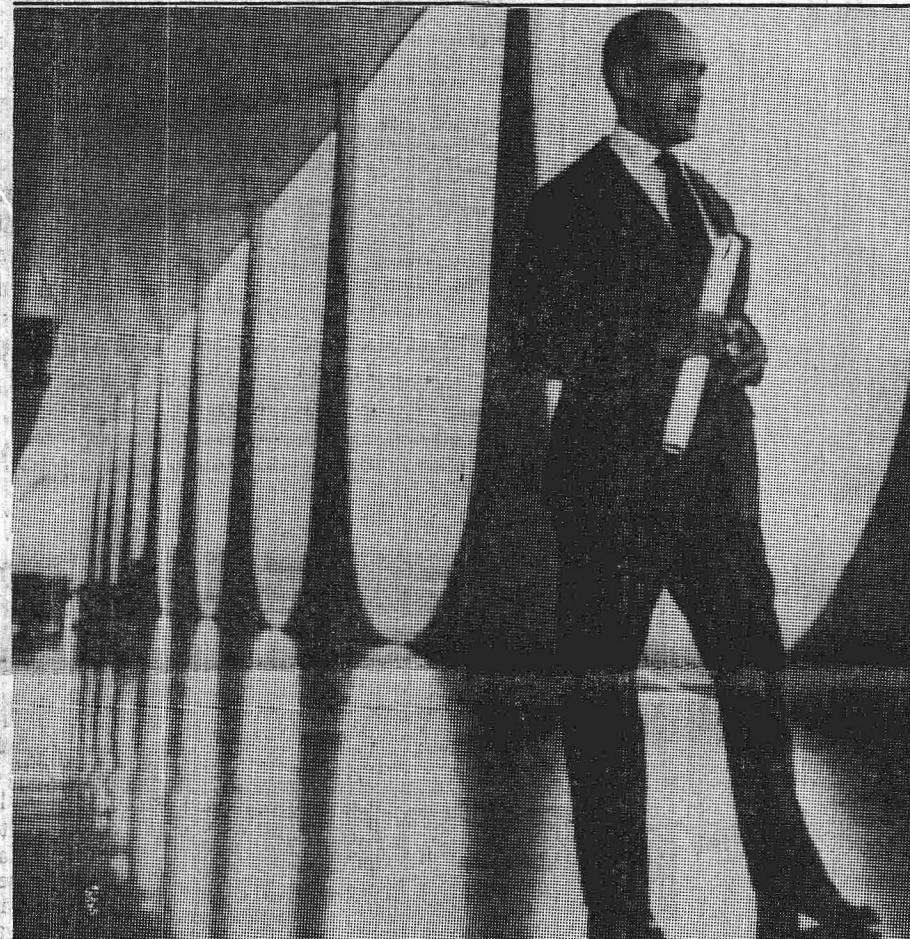
— No meu governo — afirmou José Aparecido — todos os artistas construtores voltaram a oferecer a mesma contribuição criadora ao resgate de Brasília, após os longos anos em que foi, como disse o presidente Tancredo Neves, uma cidade cassada.

Mas o governador, que deveria ter lançado o livro há 15 dias, o que não fez por causa da morte do acadêmico Orígenes Lessa, homenageou também o escritor de Lençóis Paulistas, o presidente da Academ-

mia e a própria casa de Machado de Assis, além de um convidado que representava o acadêmico José Sarney — o presidente do Congresso Nacional, José Fragelli. Não faltaram também Márcia Kubitscheck, cuja candidatura à Constituinte foi reafirmada no discurso de José Aparecido e seu marido, o bairrino Fernando Bujones.

Oscar Niemeyer, que se havia refugiado no fundo do salão nobre mas foi levado ao lugar de honra, pouco falou. Discreto como de hábito, disse apenas que “era uma homenagem gentil sobre os trabalhos de Brasília, defendendo o que se fez, falando do que acabou”. José Aparecido, sorrindo muito, fazia questão de falar com cada um, mostrava a mulher de Prado Kelly, D. Maria de Lurdes, que foi levar o abraço do marido, além da cantora Maria Lúcia Godoy e do mineiro Milton Pêdroso. E roubou a festa.

Lúcio, Roberto e Oscar se encontraram ontem na Academia Brasileira de Letras para o lançamento do livro Brasília



Oscar Niemeyer, Lúcio Costa e Roberto Burle Marx: a construção de uma utopia

BRASÍLIA, não bastasse as características de cidade-futuro que a tornam única, tem uma outra, igualmente inédita: os responsáveis pelo seu traçado urbano e pela concepção que integra edifícios, jardins e esculturas são todos vivos. Pensando nisso, o governador José Aparecido de Oliveira apresentou um desafio à editora Alumbramento, sabidamente sofisticada e sazonal: montar um álbum para comemorar o primeiro aniversário da Nova República, tendo como tema exatamente a cidade-símbolo de uma utopia.

Leone Kaz e Salvador Monteiro, os editores, reagiram à altura da proposta e apresentaram, três meses depois da encomenda, *Brasília*, um estojo primoroso, composto “arquitetonicamente” em papel supremo, para fazer lembrar o trevo de quatro folhas do Plano Piloto da cidade. Dentro, quatro “bolsas marsupiais” contêm pequenos livros em que os homens e suas criações se entrelaçam, em papel couché e belas fotos de Claus Meyer. Para apresentá-los, foram escolhidos o crítico de artes Frederico Morais, Mário Barata, o poeta Ferreira Gullar e Oliveira Bastos, um dos mais antigos moradores da urbe que brotou no Planalto.

O resultado reúne um visual agradável com o histórico inevitável quando se fala de personalidades como o urbanista Lúcio Costa, o arquiteto Oscar Niemeyer, o paisagista Burle Marx e os artistas plásticos Alfredo Ceschiatti, Marianne Pe-

retti, Athos Bulcão e Bruno Giorgi. “Oscar nos ensina/que a beleza é leve”, diz Ferreira Gullar no poema *Lições de arquitetura*. As fotos de Claus Meyer comprovam. Fotografada debaixo de sol forte — “o necessário para que as arestas dos edifícios revelem seus planos de luz e sombra”, conta Salvador Monteiro —, Brasília grita a presença do homem em cada ângulo. E a imagem de leveza se repete nos *Anjos* concebidos por Ceschiatti para a Catedral, por exemplo, ou nos vitrais de Marianne Peretti para o Memorial JK ou nas formas niemeyerianas do Meteoro, de Bruno Giorgi, nas palavras de Frederico Morais “transmitindo o espírito irradiador e ecumênico” do lugar.

Lúcio Costa, conta Oliveira Bastos, não correu para ganhar um prêmio. Pensou Brasília para livrar-se “de um demônio. O demônio da solução necessária”. As fotos de Meyer tentam mostrar a cidade da ótica mais urbanística possível. E se não atingem os momentos de beleza obtidos no livro dedicado a Niemeyer vão quase.

“Brasília pôs em ação novas forças materiais e espirituais, novas idéias e aspirações. Reacendeu em nosso espírito a necessidade da mudança. E, na beleza de seu cenário arquitetônico, continua a exigir que a nossa vida, a nossa pátria, seja melhor do que é”. As palavras são de Ferreira Gullar e sintetizam os conceitos emitidos nos outros textos, embuídos do sonho, sem poder separar muito a criação de seus criadores e estes de reflexões sobre a beleza. De resto, eloquente por si mesma.